

# Prostituição masculina no Brasil: o panorama da produção teórica

Guilherme Rodrigues Passamani,  
Marcelo Victor da Rosa e  
Tatiana Bezerra de Oliveira Lopes

🏠 *Universidade Federal de Mato Grosso do Sul | Campo Grande, MS, Brasil*  
✉ *grpassamani@gmail.com, marcelovictor26@hotmail.com, tatianabezeralopes@gmail.com*

DOI  
<http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.161075>

ORCID  
<https://orcid.org/0000-0001-5019-0382>

<https://orcid.org/0000-0002-0621-0389>

<https://orcid.org/0000-0002-1510-1774>

## RESUMO

Desde 1984, quando surge o primeiro artigo sobre a prostituição masculina no Brasil, outras pesquisas têm explorado a temática no intuito de compreender as vivências de sujeitos que optam por praticar sexo tarifado para complementar sua renda. A partir de um levantamento bibliográfico, o presente estudo encontrou quarenta e cinco produções teóricas sobre prostituição masculina no Brasil. Com as pesquisas catalogadas, foi criado um perfil sociológico do que vem sendo discutido no país. Pretendemos mostrar como esse conhecimento é organizado regionalmente no Brasil em termos de produção. Além disso, apresentaremos as transformações operadas no campo nas últimas três décadas, a partir, por exemplo, da apropriação de diferentes espaços para o desenvolvimento deste “negócio”. Por fim, daremos especial atenção às questões que perpassam sexualidade, raça, profissão e estigmatização.

## PALAVRAS-CHAVE

Prostituição masculina, michês, sexualidade, performance de gênero, panorama teórico

---

**Male Prostitution in Brazil: A Panorama of the Theoretical Production**

**ABSTRACT**

Since 1984, when the first article on male prostitution in Brazil was published, other researches have been exploring this issue, seeking to comprehend the life experiences of subjects that have opted to practice rated sex to complement their earnings. Through a bibliographic review, this study has found forty-five theoretical productions about male prostitution in Brazil. With the catalogued researches, we created a sociological profile of what has been discussed in the country. We intend to show how this knowledge is regionally organised in Brazil regarding its production. Also, we will present the transformations operated in the research field in the last three decades through, for example, the appropriation of different spaces for the development of this "business". Finally, we will give special attention to issues that permeate sexuality, race, profession and stigmatization.

**KEYWORDS**

Male prostitution, michês (Male-Prostitute), Sexuality, Gender Performance, Theoretical Panorama

---

**INTRODUÇÃO**

A produção teórica sobre prostituição masculina ainda é tímida no Brasil. Foi na década de 1980 que se passou a olhar para esse fenômeno urbano. Nesse sentido, a dissertação de Néstor Perlongher<sup>1</sup>, publicada em 1987 sob o título *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*<sup>2</sup>, tornou-se o documento basilar dos estudos sobre a temática no Brasil. Falar de michês no Brasil é, quase sempre, fazer algum tipo de referência a Néstor Perlongher, ou mesmo usar suas categorias e seus conceitos. Não apenas porque ele foi pioneiro nessa discussão, mas pela qualidade de sua obra, que está bastante atual, mesmo depois de mais de trinta anos de sua publicação. Não é um acaso que, das quarenta e cinco produções encontradas, quarenta e duas fazem da pesquisa de Perlongher o referencial teórico. Portanto, a importância teórica do antropólogo argentino é uma confluência de bons encontros: pioneirismo etnográfico na temática e na genialidade da análise teórica das relações que envolvem o universo de homens que se prostituíam na cidade de São Paulo no começo da década de 1980.

Os dados iniciais de pesquisa nos permitem refletir sobre questões, tanto em relação ao que está explícito no perfil sociológico realizado, por meio do uso de figuras, quadros e tabelas, como em relação ao que não foi encontrado em nossa análise. Algumas ausências aparecem como profundamente significativas para se pensar esse percurso da pesquisa. Um exemplo dessas lacunas teóricas seria a falta de trabalhos sobre prostituição masculina na região Centro-Oeste do país. Analisar de onde estão sendo feitas as pesquisas, em termos de região e de tipo de instituição, bem como por quem estão sendo produzidas pode ser importante para pensar um primeiro panorama da experiência de vida de michês e de seus

**1** Néstor Perlongher (1949 – 1992) foi um poeta e estudante de sociologia nascido em Avellaneda (Argentina) que emigrou para o Brasil na década de 1980. Na Universidade Estadual de Campinas, Perlongher, cursou o mestrado de Antropologia Social e realizou um trabalho seminal no campo da prostituição masculina.

**2** A dissertação de Néstor Perlongher foi referenciada por cerca de 93% das pesquisas que catalogamos, ou seja, apenas três trabalhos não citaram a obra *O Negócio do Michê*.

clientes. Nesse sentido, nossa proposta é contribuir com os debates que já estão consolidados no país sobre a grande temática de Gênero e Sexualidade, a partir de um campo ainda em vias de consolidação, para que, por meio desse panorama teórico, possamos identificar os principais conceitos e categorias para a compreensão das experiências de vidas subalternas (Spivak, 2010) como a de homens que praticam o sexo tarifado, quase sempre com outros homens, no Brasil.

Nosso trabalho insere-se numa gama de pesquisas que, do ponto de vista metodológico, segue uma abordagem qualitativa. Na primeira etapa desta pesquisa, foi feito um levantamento bibliográfico nas principais revistas da área, mais especificamente em suas plataformas *online*<sup>3</sup>, seguido da leitura e fichamento dos trabalhos acessados. Nesse primeiro momento, deparamo-nos com a dissertação de mestrado de Néstor Perlongher, *O negócio do michê* (1987), que, ainda hoje, constitui-se como o documento mais substancial nos estudos sobre prostituição masculina no Brasil. Além desse escrito de Perlongher, e outros quatro artigos escritos pelo antropólogo, localizamos outras quarenta e uma produções, que vão desde artigos, monografias, dissertações e teses sobre a temática geral.

Após essa sondagem daquilo que vem sendo produzido no país, por meio da leitura e fichamento dos textos catalogados, criamos um perfil sociológico da produção localizada. Por fim, fizemos uma aproximação dos trabalhos encontrados a partir da recorrência de elementos, de lugares e de situações.

Quando foi pensada a elaboração de um perfil sociológico do que vem sendo produzido no país, o intuito era mostrar não só o que foi discutido pelos pesquisadores, mas apresentar uma espécie de cartografia<sup>4</sup> dos trabalhos a partir de seus múltiplos pertencimentos, de modo que nossa pesquisa pudesse traçar um panorama de como se tem desenvolvido esse campo de estudo no Brasil, identificar os principais marcadores sociais da diferença<sup>5</sup> envolvidos na constituição da cena de prostituição masculina e analisar as categorias que dão significado ao “fazer michê”.

## 1. A PROSTITUIÇÃO MASCULINA NO BRASIL NAS DIFERENTES REGIÕES E ESTADOS DO PAÍS

Como já foi dito, encontramos quarenta e cinco produções que discutem a prostituição masculina no país. Selecionamos apenas os trabalhos que se concentram na prática do sexo tarifado exercida por homens adultos *cisgêneros*<sup>6</sup>. Nesse perfil sociológico das produções teóricas catalogadas, deteremo-nos em alguns aspectos que nos parecem mais relevantes: as regiões e os estados em que foram produzidas as pesquisas, as áreas de estudo em que se encontram, o gênero de seus autores, o ano de cada publicação e, por fim, as instituições que promoveram a pesquisa.

A partir dos trabalhos consultados, notamos que o maior volume de pesquisas se concentra nas regiões sudeste e nordeste. Sul e norte apresentam um nú-

**3** Buscamos os dados em plataformas como SciELO < <http://www.scielo.org/php/index.php>>, Google Acadêmico < <https://scholar.google.com.br>> e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) < <http://bdt.d.ibict.br/vufind/>>.

**4** Falamos na cartografia que “liga-se aos campos de conhecimento das ciências sociais e humanas e, mais que mapeamento físico, trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade” (Prado Filho e Teti, 2013: 47).

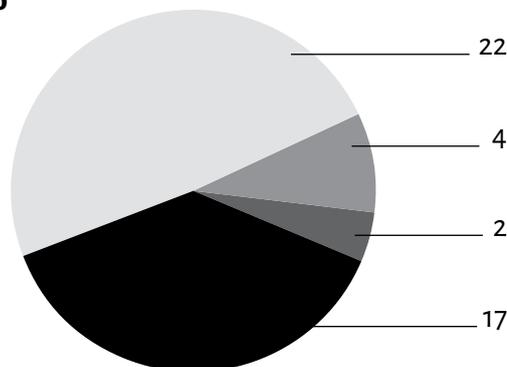
**5** Pensamos marcadores sociais da diferença (classe, raça/cor, orientação sexual e gênero) de maneira interseccional, como categorias articuladas, da mesma forma que Vega (2008) as utiliza em seu trabalho de análise da desconstrução da diferença entre jovens de São Paulo.

**6** Cisgênero é o termo utilizado para se referir a sujeitos que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído desde o nascimento.

mero reduzido de produções, enquanto na região centro-oeste não conseguimos encontrar nenhuma publicação. Inclusive, esse silêncio sobre o tema nessa região foi um dos elementos que nos despertou a curiosidade inicial sobre o tema.

**Figura 2: Distribuição do quantitativo das produções científicas sobre prostituição masculina por regiões.**

■ Sudeste  
■ Nordeste  
■ Sul  
■ Norte



Fonte: Lopes, Passamani e Rosa (2018)

A região Sudeste aparece como a que mais produziu conteúdo científico sobre a temática geral: a prostituição masculina. Tal fato já era de certa forma esperado<sup>7</sup>, tendo em vista sua representação nacional tanto em universidades públicas e particulares, como também por sua importância econômica e em termos de circulação cultural. A região sudeste é a região mais populosa do país e concentra as duas maiores metrópoles nacionais: Rio de Janeiro e São Paulo. Além disso, é nessa região que estão algumas das universidades mais antigas do país, bem como é a partir do sudeste que se desenvolve, por exemplo, a educação superior de pós-graduação no Brasil. Portanto, há uma enorme confluência de fatores que justifica o protagonismo do sudeste em termos de produção acadêmica em diversas áreas, inclusive no campo do gênero e da sexualidade.

O Nordeste desponta como a segunda região com o maior número de pesquisas realizadas. É possível que esse resultado esteja associado a questões que ligam vulnerabilidade socioeconômica a turismo sexual, conforme trabalhos de Adriana Piscitelli (2015). De maneira geral, os trabalhos realizados estão concentrados em estados com grande frequência de turismo estrangeiro e não são raras as associações entre turismo e sexo. Aliás, há uma gama de trabalhos acadêmicos que mostram isso (Marinho e Santos, 2011; Rábago e Aldama, 2012; Pasini, 2005; Piscitelli, 2002). Nesse caso, haveria uma aproximação entre as pesquisas que envolvem prostituição feminina e masculina com o chamado “turismo sexual”.

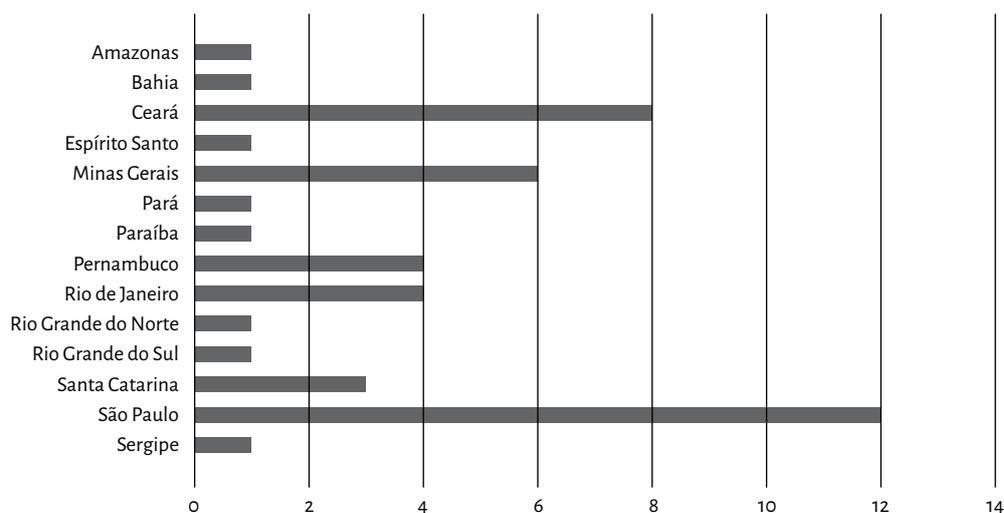
No entanto, ainda são muito iniciais os elementos que nos permitem fazer essa associação de maneira mais contundente, mesmo que esses elementos apareçam em todas as pesquisas, como também aparecem nas pesquisas as recorrências da visibilidade da prostituição masculina nos contextos urbanos das grandes cidades litorâneas do nordeste. Não conseguimos catalogar pesquisas

**7** A maior incidência de pesquisas científicas na região sudeste também foi verificada por Guilherme Passamani (2015) em sua pesquisa de doutorado sobre envelhecimento entre pessoas com condutas homossexuais.

nos recôncavos sertanejos da região. Percebemos, assim, a associação: prostituição masculina, capital litorânea e turismo.

No que diz respeito à distribuição dos trabalhos por estado da federação, o panorama é o seguinte:

**Figura 2: Distribuição do quantitativo das produções científicas sobre prostituição masculina por estado**



Fonte: Lopes, Passamani e Rosa (2018)

Identificamos São Paulo como o estado em que foi produzido o maior número de pesquisas sobre prostituição masculina desde 1984, ano do primeiro trabalho encontrado. No estado de São Paulo surgem as primeiras pesquisas sobre prostituição masculina, entre elas: os artigos *Amor e Comércio na prostituição viril* (1984), *O contrato da prostituição viril* (1985), *Vicissitudes do michê* (1987), *Antropologia das sociedades complexas* (1993) e a dissertação *O Negócio do Michê – a prostituição viril em São Paulo* (1987), todas de autoria do antropólogo e poeta argentino, então radicado no Brasil, Néstor Perlongher. Tais produções vinculavam-se à pesquisa que deu origem à dissertação de Perlongher no então nascente Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Nesses primeiros momentos, as pesquisas diziam respeito à prostituição masculina de rua. Depois de Perlongher, nas décadas de 1990 e, sobretudo, depois dos anos de 2000, é que os trabalhos sobre o tema vão migrando para espaços privados (saunas, clubes de sexo, bares) e outros veículos (jornais, sites, chats e aplicativos).

Os demais trabalhos realizados no estado de São Paulo são os artigos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) do campo da Antropologia (San-

tos e Pereira, 2016; Santos, 2007). Já os trabalhos vinculados à Universidade Nove de Julho (UNINOVE) estão na área do Serviço Social (Alves, 2011, 2013). As pesquisas desenvolvidas por pesquisadoras da Universidade de São Paulo são da área de Psicologia (Santos, 2011b; Burbulhan, 2014; Pinel, 2003) e de Saúde Pública (Silva, 2012).

Na região nordeste, encontramos o estado com o segundo maior número de publicações, o Ceará, com oito trabalhos. Dessas pesquisas, realizadas por pesquisadoras da Universidade Federal do Ceará (UFC), três são da área de Sociologia (Santos, 2013b; Santos, 2011a; Santos e Paiva, 2013), duas de Psicologia (Abreu, 2013, 2014) e uma dissertação da área de Saúde Pública (Chao, 2008). A região também conta com o único trabalho da área de Políticas Públicas e Sociedade (Ferreira, 2011), pela Universidade Estadual do Ceará, e um artigo vinculado a uma universidade privada, a Universidade de Fortaleza (Pocahy, 2012).

Em Minas Gerais cinco trabalhos foram realizados em Belo Horizonte e apenas um em Uberlândia, sede do Centro Universitário do Triângulo (Unitri). Desses trabalhos, dois artigos estão localizados na área de Psicologia, sendo um da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Silva, 2011a), e outro do Centro Universitário do Triângulo (Unitri) (Carvalho et. al. 2013). Outros dois trabalhos, ambos do pesquisador Alexandre Eustáquio Teixeira da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG), foram produzidos na área de Ciências Sociais (2003, 2011). Já o artigo da área de Serviço Social é da Universidade de Brasília (Guiraldelli e Souza, 2013), cuja pesquisa foi desenvolvida em Belo Horizonte.

No Rio de Janeiro encontramos três artigos e uma dissertação, dois artigos da área de Geografia, escritos pelo pesquisador Miguel Angelo Ribeiro da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1997, 2015). Enquanto os demais trabalhos são da área de Antropologia, da autoria de Victor Hugo de Souza Barreto (2011, 2012) desenvolvidos na Universidade Federal Fluminense.

No Espírito Santo foi encontrada uma publicação, *Pedagogia social da saúde e dos direitos junto aos trabalhadores masculinos do sexo* (Pinel, Bragio e Sobroza, 2013), do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

No Nordeste, o estado de Pernambuco conta com quatro trabalhos da Universidade Federal de Pernambuco, três do curso de Psicologia (Viana, 2010; Souza Neto, 2009, 2010) e um na área de Antropologia (Deodato 2015).

No Rio Grande do Norte localizamos um artigo, o *Entre dizeres e fazeres, construção identitária de garotos de programas (michês): "Tudo com remédio, senão o pau não sobe"*, produzido por Ananias Silva (2015), um pesquisador do campo de Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Na Paraíba, no campo da Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, foi encontrado o artigo *Ô de casa, ô da rua: território e derivas na prostituição masculina de rua em João Pessoa (PB)* (Lima, 2007), e na Universidade Federal de Sergipe, no mestrado de

Desenvolvimento em Meio Ambiente, a dissertação *Prostituição e (des)construção da imagem dos espaços turísticos da orla de Atalaia – SE* (Silva, 2011b). Enquanto na Bahia, nas Ciências Sociais, foi localizado o artigo *Desvelando o mercado do sexo: trajetória de vida dos “garotos de programas” da cidade de Salvador* (Santos, 2013a) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Na região Norte, no estado do Pará, mais especificamente na cidade de Belém, encontramos a monografia *Perfil psicossocial da prostituição masculina em Belém – PA* (Machado e Silva, 2002) do curso de Psicologia da Universidade da Amazônia (UNAMA). E no Amazonas, na área de Geografia, a dissertação *Territórios invisíveis territorialidades dos garotos de programa na área central de Manaus*, de Jean Alcântara (2009) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

No Sul, nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina contabilizamos quatro produções. Em Porto Alegre o trabalho encontrado foi a dissertação *Entre o prazer e necessidade, o discurso do corpo na prostituição masculina* (Radde, 2014) do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Já os trabalhos de Santa Catarina estão localizados na área de História (Saldanha, 2010), Psicologia (Santos, 2016) e Antropologia (Barreto, Silveira e Grossi, 2012), da Universidade Federal de Santa Catarina.

## 2. A PRODUÇÃO NACIONAL SOBRE PROSTITUIÇÃO MASCULINA: ÁREAS, PESQUISADORES, CRONOLOGIA E INSTITUIÇÕES DE ORIGEM

De maneira geral, somente três trabalhos encontrados sobre prostituição masculina no Brasil estão fora da grande área das Ciências Humanas. A dissertação de Giselle Chao, uma dessas exceções<sup>8</sup>, *Prostituição masculina, HIV/Aids: estudo epidemiológico em municípios do Ceará* (2008), encontra-se na área de Saúde Pública e propõe uma discussão acerca dos motivos pelos quais homens que se prostituem estariam envolvidos em “comportamentos de risco”, como a exposição ao contágio do HIV/Aids e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), principalmente pela falta de adesão ao uso de preservativos<sup>9</sup>.

Antropologia e Psicologia foram as áreas com o maior quantitativo de produção sobre prostituição masculina. Na Antropologia, 50%

**Tabela 1: Áreas de concentração das pesquisas catalogadas**

CURSO	TOTAL	%
Psicologia	13	29%
Antropologia	10	22%
Ciências Sociais	4	9%
Sociologia	4	9%
Geografia	3	7%
Serviço Social	3	7%
Letras	2	4%
Saúde Pública	2	4%
História	1	2%
Políticas Públicas e Sociedade	1	2%
Pós-Graduação em Educação	1	2%
Desenvolvimento em Meio Ambiente	1	2%
<b>TOTAL</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Fonte: Lopes, Passamani e Rosa (2018)

<sup>8</sup> Os demais trabalhos são: a dissertação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, *Prostituição e (des) construção da imagem dos espaços turísticos da orla de Atalaia – SE*, de Laura Silva (2011b), e a tese da área de Saúde Pública de Clara Silva (2012), *O negócio do “prazer remunerado” nos discursos de garotos que fazem programa*.

<sup>9</sup> O sangue, o sêmen, as secreções vaginais e o leite materno são considerados os fluidos corporais capazes de infectar com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). Mais informações sobre o contágio e ciclo da doença em: <<http://abiaids.org.br/em-nota-abia-esclarece-duvidas-sobre-transmissao-do-hiv/29054>>

das pesquisas localizadas são de Néstor Perlongher (1984, 1985, 1987a, 1987b, 1993). Depois do último artigo de Perlongher, demorou dezoito anos até que outro antropólogo, desta vez no Rio de Janeiro, problematizasse a prostituição masculina. Victor Hugo de Souza Barreto (2011, 2012) desenvolveu uma etnografia focada na subjetividade de garotos de programa que atuam em saunas. A sauna como um lugar de sociabilidade de homens que fazem sexo com outros homens começa a ser discutida nos estudos de prostituição masculina a partir de 2009<sup>10</sup> (Deodato, 2015; Santos e Pereira, 2016).<sup>11</sup>

Na Psicologia, os trabalhos buscaram refletir sobre os perfis de homens que se prostituem (Machado e Silva, 2002), abordando desde a construção dos significados que esses michês dão aos atos sexuais realizados com outros homens (Silva, 2011a; Souza Neto, 2010), a discussões sobre as performances de gênero e a construção psíquica da categoria “desejo” na vivência pessoal dos michês (Souza Neto, 2009; Viana, 2010).

As Ciências Sociais e a Sociologia tiveram a mesma quantidade de produções. Essas pesquisas abordam a questão do território, da identidade, da trajetória de vida e das performances de gênero. Nas Ciências Sociais encontramos três artigos (Teixeira, 2003; Santos, 2007; Santos, 2013a) e uma dissertação (Teixeira, 2011), trabalhos da região nordeste e sudeste do país. Na Sociologia todas as pesquisas foram produzidas por pesquisadoras da região nordeste, ao todo três artigos (Lima, 2007; Santos, 2011a; Santos e Paiva, 2013) e uma tese (Santos, 2013b).

As produções localizadas no curso de Geografia são os artigos do pesquisador Miguel Ângelo Ribeiro (1997, 2015), que tratam da espacialidade dos locais de prostituição na cidade do Rio de Janeiro, e a dissertação de Jean Moreira Alcântara (2009), que busca entender a relação dos garotos de programa e a organização de microterritórios invisíveis na cidade de Manaus. Sobre como os territórios são construídos, bem como esses locais são configurados como microterritórios, Ribeiro afirma que tais ambientes possuem ordens e lógicas próprias, estabelecidas por donos de saunas e boates, que devem ser respeitadas tanto por michês como por clientes.

No Serviço Social foram encontramos dois artigos de Alan de Loiola Alves (2011, 2013), sendo um deles, *Políticas de enfrentamento à exploração sexual comercial*, o único trabalho localizado que aborda o tema da exploração sexual de garotos menores de idade na prostituição masculina. O outro trabalho do Serviço Social, também um artigo, de Reginaldo Guiraldelli e Marisa Souza (2013), pensa a precarização do trabalho, a desigualdade social e o desemprego como motivos condicionantes à prática da prostituição, ou seja, os autores consideram a satisfação do que eles chamam de “necessidades sociais e pessoais” como a principal justificativa para a entrada no mercado do sexo.

**10** O primeiro trabalho localizado que começa a discutir prostituição masculina em saunas é a dissertação Entre boys e frangos: análise das performances de gênero dos homens que se prostituem no Recife (Souza Neto, 2009), da área de psicologia.

**11** O quinto trabalho é de Letícia Barreto, Cibele Silveira e Mirim Grossi (2012), que discute questões atinentes à prostituição masculina em Santa Catarina.

Das duas pesquisas na área de Letras, encontramos um artigo que se propõe a analisar o discurso de quatro michês a partir de entrevistas concedidas a uma revista acerca de suas próprias identidades, de homens que praticam sexo tarifado e que vivem uma vida clandestina, “escondendo” sua atividade da família e amigos (Silva, 2015), e uma dissertação que faz uma discussão teórica sobre como esses homens têm seus corpos e suas identidades construídas por meio da relação de prostituição do corpo *versus* o corpo enquanto produto dessa prostituição (Radde, 2014).

Os cursos de pós-graduação em Educação, História e Políticas Públicas e Sociedade tiveram um trabalho cada. O artigo da área de Educação (Pinel, Bragio e Sobroza, 2013) relata uma experiência no “Programa Pegação”, cujo objetivo era formar e supervisionar educadores sociais para atuação em trabalhos de prevenção de doenças, especialmente da IST/HIV-Aids, em rapazes que se prostituíam na cidade do Rio de Janeiro. A dissertação do curso de História (Saldanha, 2010) faz uma análise das variações de representação de homens que anunciavam seus serviços em um jornal de Santa Catarina no período de 1986-2005.

O trabalho de Políticas Públicas e Sociedade discute como michês e policiais se relacionam em um ponto de prostituição no centro da cidade de Fortaleza. Daniel Rogers de Souza Ferreira (2011) descreve que, independente da presença de policiais, um dos requisitos para o michê permanecer nas ruas é sua capacidade de garantir sua própria segurança, seja pela violência ou fazendo uso de amizades e, principalmente, mantendo-se calado, para assim garantir que outros michês o vejam como confiável e como parte do grupo.

Basicamente, os trabalhos que nós encontramos estão organizados como monografias, dissertações, teses e artigos em eventos e/ou periódicos. O quadro abaixo mostra a relação entre o tipo de trabalho e o gênero de seus/suas pesquisadores/as. Como pode-se observar, há um descompasso grande entre autores homens e autoras mulheres, especialmente na produção de dissertações de mestrado e na divulgação de artigos em periódicos:

A partir do levantamento bibliográfico realizado identificamos que, das quarenta e cinco produções localizadas, trintas e seis foram escritas por autores homens ou com a participação de homens<sup>12</sup>, enquanto doze tinham mulheres em sua autoria. Ou seja, 74% das

---

### Quadro 1: O gênero das/dos autoras/es em relação ao tipo de produção encontrada

TRABALHO	HOMEM	MULHER
Monografia	0	1
Dissertação	11	3
Tese	2	2
Artigo	23	6
<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>12</b>

Fonte: Lopes, Passamani e Rosa (2018)

**12** Na construção da tabela “Gênero de Pesquisadores” consideramos as diferentes identidades de gênero a que pudemos ter acesso, ou seja, mulheres e homens que pesquisaram em conjunto foram contabilizados de modo que ambos aparecessem em nossos dados. Quanto ao trabalho que continha o nome civil e o nome social, optamos por considerar apenas o nome social.

pesquisas sobre prostituição masculina no Brasil tinham homens envolvidos em suas análises e observações. Supomos que essa percentagem reflita algo que percebemos no decorrer de nosso próprio trabalho e que foi dito em alguns trabalhos: mulheres podem não se sentir seguras para adentrar esse campo de investigação (Barreto, Silveira e Grossi, 2012; Santos e Paiva, 2013; Santos, 2016). Logo, o suposto perigo representado pelo cenário de prostituição masculina, especialmente nas ruas, seria um impedimento. Não podemos esquecer também que alguns locais privados onde ocorre a prostituição masculina têm o acesso negado a mulheres, quando não negado, o custo tem valores exorbitantes, o que impossibilita sua participação.

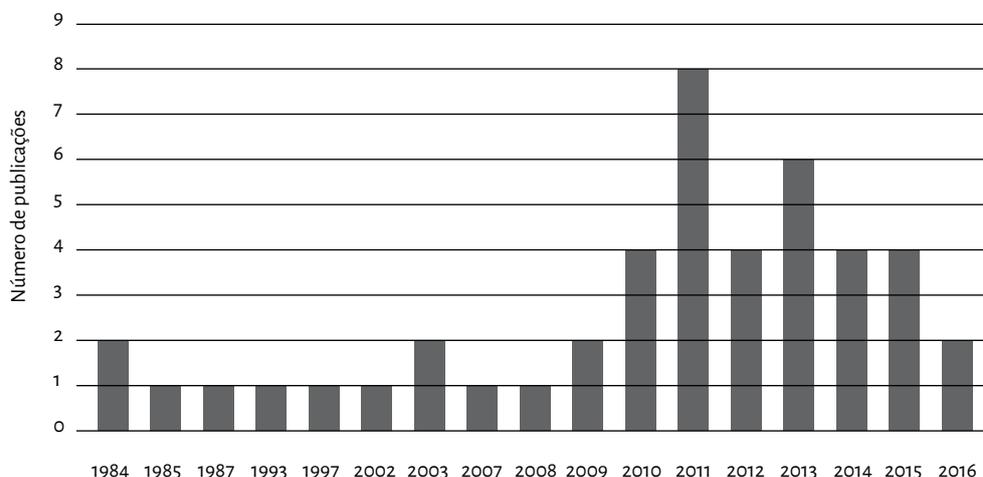
De maneira geral, ainda que uma série de mudanças e avanços estejam em curso, a prostituição ainda é percebida socialmente como marginal. A prostituição masculina, no caso, é vista como violenta e perigosa. O cenário da prostituição masculina de rua é bastante peculiar. Ela não está presente nas ruas mais iluminadas, nas praças mais vigiadas, ou nas regiões mais policiadas, embora também esteja nesses lugares, a prostituição é da noite, das madrugadas, dos becos, das boates e das saunas. Ela está, quase sempre, onde existe pouca, ou nenhuma, luz.

Nesse sentido, o tema da prostituição masculina pode ser em si mesmo desestimulante para pesquisadoras mulheres pois acessar esse universo envolve supostos perigos muito particulares ao público feminino, já tão afetado pela violência de gênero de nossa cultura misógina. Pesquisadores homens teriam menos dificuldades de frequentar ambientes de prostituição exclusivamente masculinos como, por exemplo, saunas gays e cinemas pornô, como também menos receio de perambular por alguns becos e ruelas pouco iluminados nas noites de algumas cidades.

Sobre a cronologia das quarenta e cinco produções que encontramos, temos 1984 como o primeiro ano a apresentar estudos sobre o tema de maneira específica. A discussão sobre prostituição masculina aparece em outros textos anteriores, sobretudo aqueles que tratam de homossexualidade no Brasil (Fry, 1982; Green, 1999; Guimarães, 2004; Silva, 1959). No entanto, *Amor e Comércio na prostituição viril* é o primeiro artigo encontrado de Néstor Perlongher que tematiza a prostituição masculina no Brasil. Entre 1985 e 1987, dois artigos desse autor foram encontrados, e, ainda em 1987, foi publicado seu livro. Em 1993, um ano após a morte de Perlongher, foi divulgado outro artigo seu, o *Antropologia das sociedades complexas: identidade e territorialidade, ou como estava vestida Margaret Mead*, na Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS) de número 22.

Na figura, a seguir, temos a distribuição da produção brasileira sobre prostituição masculina por ano de publicação:

**Figura 3: Distribuição do quantitativo dos trabalhos catalogados por ano**



Fonte: Lopes, Passamani e Rosa (2018)

Houve um aumento exponencial nas produções sobre prostituição masculina no Brasil a partir dos anos de 2000, sobretudo no início da segunda década. Há algumas hipóteses para isso. Com o início do Governo Lula (2003), houve uma série de medidas que impulsionaram o ensino superior no Brasil. Dessas medidas, uma mereceu especial destaque pois possibilitou a reestruturação e a interiorização do Ensino Superior no país: trata-se do programa “REUNI”, Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, iniciado em 2003 e concluído em 2012. Tal iniciativa, a nosso ver, pode ter sido decisiva para o surgimento de núcleos de pesquisa nos campos de gênero e sexualidade em diferentes regiões do país, pois houve a criação e a expansão de universidades, bem como a contratação de novos professores e a alocação de um volume maior de recurso nessas instituições.

Por outro lado, ainda é preciso destacar o programa “Brasil sem Homofobia”, que nasce em 2004, também no governo Lula, e, posteriormente com o projeto GDE<sup>13</sup> (Gênero e Diversidade na Escola), uma iniciativa para a formação de professores da rede básica de ensino organizada pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), do Ministério da Educação (MEC). Assim, houve uma significativa ampliação da discussão sobre gênero e sexualidade. Podemos destacar, ainda, a criação da Coordenação de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) e do Conselho Nacional LGBT, ambos vinculados ao Ministério das Mulheres, Igualdade Racial, Juventude e Direitos Humanos. Entendemos que essas iniciativas favoreceram a ampliação do debate sobre gênero e sexualidade que criaram as bases necessárias para o

**13** A concepção do projeto é da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres (SPM/PR) e do British Council, em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD-MEC), a Secretaria de Ensino a Distância (SEED-MEC), a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR/PR) e o Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM). A metodologia, os conteúdos e o projeto político-pedagógico resultaram de uma construção coletiva dos parceiros envolvidos, sendo que a implementação do curso foi realizada pelo Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM), com a certificação ficando a cargo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Fonte: < <http://www.spm.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2007/gde-2007.pdf> >

fomento de pesquisas sobre prostituição masculina, por exemplo, nas diferentes universidades e regiões do país.

No quadro anterior, é possível observar que, entre 2010 e 2014, tivemos o ápice das publicações, o que faz sentido se pensarmos que é quando as pesquisas iniciadas entre 2004 e 2005 com os incentivos do governo foram finalizadas, apresentadas em congressos e defendidas na pós-graduação. A partir de 2012, vemos certa permanência nos números de pesquisas e em 2016 uma queda substancial na quantidade de trabalhos. Acreditamos que, nos próximos anos, nossa análise possa revelar uma baixa ainda maior nesses números, tendo em vista os cortes/desmontes na educação, apontados por Ernani LamPERT (2006), que foram iniciados no segundo Governo Dilma (2014) e agravados a partir do Golpe de 2016.

A importância das iniciativas resultantes da injeção de recursos na educação superior no país se reflete em diversos setores. No que diz respeito ao número de produções sobre prostituição masculina, quando nos deparamos com as instituições em que as pesquisas foram realizadas, isso é muito perceptível. A diferença entre instituições públicas e privadas é gritante.

Trinta e cinco pesquisas foram realizadas em universidades públicas, ou seja, instituições estaduais e federais produziram três vezes mais que as particulares, onde apenas dez trabalhos foram produzidos. Entre as universidades particulares, dois foram produzidos na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, três na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Minas Gerais, dois na Universidade Nove de Julho (Uninove) de São Paulo, um no Centro Universitário do Triângulo (UNITRI), um na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e outro na Universidade da Amazônia (UNAMA).

Partindo desses dados, percebemos que as pesquisas acadêmicas sobre as questões de gênero e sexualidade e, mais especificamente, sobre prostituição masculina no Brasil são, majoritariamente, uma reflexão produzida em universidades públicas<sup>14</sup>. Em grande medida, em universidades federais, sobretudo, a partir do ano de 2003, quando essas universidades receberam um aporte maior de recursos e quando houve a expansão e reestruturação das mesmas. Futuramente, talvez, os dados mostrem um cenário de refluxo, já que os cortes, sobretudo a partir do Golpe de 2016, têm sido constantes.

---

### **Quadro 2: Relação dos tipos de trabalhos localizados e sua origem em instituições públicas ou privadas**

<b>TIPO DE TRABALHO</b>	<b>INSTITUIÇÃO PÚBLICA</b>	<b>INSTITUIÇÃO PRIVADA</b>
Monografia	0	1
Dissertação	13	1
Tese	4	0
Artigo	18	8

Fonte: Lopes, Passamani e Rosa (2018)

**14** Marcelo Victor da Rosa (2016). em sua tese sobre discursos científicos sobre a homofobia no processo de escolarização, também verificou a prevalência de pesquisas sobre gênero e sexualidade produzidas por universidades públicas.

### 3. O “NEGÓCIO” DO MICHÊ, DO CLIENTE E DA PROSTITUIÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Alguns elementos foram bastante recorrentes em nossa pesquisa, como os conceitos que nos permitem entender a dinâmica da prostituição masculina tanto no aspecto prático quanto no aspecto subjetivo dos sujeitos envolvidos.

Inicialmente, é importante atentar para a definição de michê e “fazer michê”, já que o termo michê foi adotado por nós para definir o homem que pratica sexo tarifado. O termo michê tem dois sentidos clássicos: o primeiro alude ao ato de se prostituir, sendo assim, a expressão “fazer michê” poderia ser utilizada tanto para prostituição feminina quanto para a masculina (Perlongher, 1987b). Já o termo michê sem o verbo de ação é, ainda hoje, utilizado nas produções bibliográficas que analisamos para denominar jovens quase sempre muito viris que se prostituem sem abdicar de uma performance hipermasculinizada.

Um ponto que merece destaque, a partir das pesquisas realizadas e dos processos de mudança pelos quais passa o campo, é o fato de, até o momento, não havermos localizado nenhum trabalho que relatasse a prostituição de homens em aplicativos de celular e em *chats online*<sup>15</sup>, embora saibamos que essas mídias estão sendo utilizadas para tais contratos comerciais. O que encontramos foram trabalhos sobre espaços *online* e práticas homossexuais, por meio de comunidades em redes sociais e *sites* de relacionamento, mas nada específico sobre prostituição masculina (Silva, 2008).

Sobre a corporeidade do michê, vemos que o corpo masculino hegemônico é o que, de maneira geral, importa para esse “negócio” (Viana, 2010; Santos, 2013a). A exposição desses “corpos-mercadoria”<sup>16</sup> com peitorais, abdômens, bíceps, coxas e pernas explicitados em corpos malhados, desnudos ou cobertos por roupas justas que objetivam salientar peitorais, bundas e, principalmente, o pênis, se dá tanto nas ruas como nas saunas. Segundo Daniel Kerry dos Santos “o corpo na prostituição é um cartão de visita e um instrumento de trabalho. Exibe-se, oferta-se, insinua-se, performa-se, erotiza-se a fim de produzir tesão e desejo” (2016: 109).

Um tema, particularmente, nos chamou a atenção: a maior parte das pesquisas não faz referência à presença de cafetões na prostituição masculina. Apenas três trabalhos falam sobre a presença desses sujeitos. Aqui, aparece uma diferença bem marcada entre a prostituição feminina e a prostituição masculina. No caso de mulheres e de travestis é recorrente a figura do agenciador ou de uma cafetina. Quando se trata da prostituição de homens, esses sujeitos, quando existem, são michês mais experientes que cobram por proteção e por comodidade nas ruas (Viana, 2010) e, geralmente, isso se dá por meio de uma espécie de pedágio diário (Souza Neto, 2009; Lima, 2007) ou, quando estão em espaços

**15** Braga (2013) e Miskolci (2013) possuem trabalhos sobre sociabilidades homoeróticas no espaço online, contudo suas pesquisas, embora possam, em alguma medida, perpassar o tema da prostituição masculina, não se propõem a discuti-la.

**16** Partilhamos do conceito de “corpo-mercadoria” apresentado no artigo de Kalya Maroun e Valdo Vieira (2008).

privados, saunas e clubes, os agenciadores podem ser os proprietários desses estabelecimentos.

A raça, como marcador social da diferença, foi discutida por alguns autores. Na dissertação *Prazer com segurança? As relações entre michês e polícia num ponto de prostituição do centro de Fortaleza* (Ferreira, 2011), o autor se refere a uma “branquidade” na prostituição, seguindo o que Perlongher (1987a) já havia percebido, em seu trabalho de campo, que michês loiros são apreciados pelos clientes de classe média. Victor Hugo de Souza Barreto também notou, em sua pesquisa no Rio de Janeiro, que “boys<sup>17</sup> loiros ou “russos” (sejam eles, gaúchos, argentinos, paulistas ou mesmo cariocas) são altamente valorizados nas saunas” (2012: 74).

Por outro lado, há trabalhos, como o artigo *Amores e vapores: sauna, raça e prostituição viril em São Paulo* (Santos e Pereira, 2016), que relatam o corpo negro enquanto objeto de desejo e, por vezes, como objeto de repulsa. Élcio Nogueira Santos e Pedro Paulo Gomes Pereira indicam que as saunas em que realizaram trabalho de campo apresentavam um desejo racializado, pois os clientes negros eram desprezados: “a maioria dos boys não transa com negros. Quando chega um cliente preto, todos os boy saem de perto” (2016:145). No entanto, os michês negros, principalmente aqueles classificados pela categoria “morenos”, são valorizados e tidos como viris e avantajados no quesito tamanho do pênis. Dessa forma, encontramos a raça como um aspecto conflitante: em certas ocasiões o branco é o desejado, em outras, o corpo negro adquire maior prestígio e fetiche.

A respeito da performance sexual durante o programa, muitos autores tratam da dicotomia que há entre o sexo passivo e o ativo. As pesquisas sugerem que, para muitos michês, transar com outros homens não lhes faz homossexuais, uma vez que esta prática reflita um modelo hierárquico durante o sexo, em outras palavras, a heterossexualidade dos michês é garantida pela presença de performances contrastivas, em que um é quem penetra (“macho” da relação, no caso o michê) e o outro é o penetrado (“fêmea” da relação, no caso o cliente).

No final dos anos de 1970, na pesquisa de Peter Fry (1982) sobre práticas sexuais na periferia de Belém e nas metrópoles do Sudeste, ele notou a existência do referido modelo hierárquico na relação afetivo-sexual entre “bichas” e homens. O “homem” penetra, enquanto a “bicha” é penetrada. De acordo com essa lógica, o ato de penetrar e o de ser penetrado adquirem, através dos conceitos de “atividade” e “passividade”, um sentido de dominação e submissão, análogo ao que se estabelece entre homens e mulheres.

O machismo hegemônico e, de certa forma, a cultura popular hierarquizam a atividade de “comer” outro homem como algo positivo e que reforça a masculinidade heterossexual, enquanto “dar/ser comido” se configura como algo negativo, próximo ao feminino e, portanto, tornado inteligível como homossexual (Fry, 1982; Viana, 2010). Ainda seguindo Peter Fry e Edward MacRae:

17 Boy é uma categoria nativa que faz referência a garotos/homens que se prostituem.

*podemos dizer que a concepção popular brasileira da sexualidade fala mais de “masculinidade” e “feminilidade”, de “atividade” e de “passividade”, de “quem está por cima” e de “quem está por baixo” do que sobre a heterossexualidade ou a homossexualidade (Fry e MacRae, 1983: 49)*

Quando se trata do gênero dos/as clientes, identificamos um público composto majoritariamente por homens. Clientes mulheres não apareceram como foco de nenhuma pesquisa encontrada neste levantamento bibliográfico, mas foi possível entender que, quando há uma procura desse serviço por mulheres *cisgênero*, ela é feita por mulheres casadas, segundo o artigo *Garoto de programa: do gueto aos hotéis de luxo* (Carvalho et al., 2013), maiores de quarenta anos, que buscam companhia ou a realização de uma fantasia sexual (Machado e Silva, 2002).

Dos clientes homens, grande parte são homossexuais assumidos e que, segundo alguns relatos dos michês das diferentes pesquisas, procuram no “garoto de programa” uma performance ativa no ato sexual, o que explicaria a necessidade que os michês sentem em destacar detalhadamente as características que acentuam sua masculinidade viril e hegemônica (Machado e Silva, 2002). Embora haja essa procura por uma performance ativa dos michês, é no contrato dos serviços sexuais que as práticas são realmente delimitadas.

É também durante a contratação que, mediante o valor adequado, a “heterossexualidade” dos michês é negociada. *Boys* que se apresentavam nas ruas e corredores das saunas como exclusivamente ativos podem desenvolver uma performance passiva mediante uma retribuição financeira satisfatória. Ou seja, um michê heterossexual pode flexibilizar sua performance para agradar um cliente que lhe proponha um negócio vantajoso, conforme aparece em algumas pesquisas.

Quanto à dicotomia cliente “bicha” e michê viril (“bofe”), essa foi uma divisão bem demarcada nos trabalhos. Apesar de termos encontrado em nosso levantamento bibliográfico relatos de michês que se identifiquem como homossexuais ou bissexuais, a heterossexualidade é com frequência assumida, mesmo que nem sempre praticada, em contraposição à homossexualidade, supostamente, compulsória dos clientes. Assumir-se homossexual no contexto da prostituição masculina performando como michê pode representar perda de clientela, uma vez que a heterossexualidade compulsória do michê é parte constitutiva do imaginário que ronda o *negócio* do desejo.

Uma expressão que apareceu em diversos trabalhos é “sentir-se sujo”. Em um artigo consultado, havia relatos de michês que diziam sentir-se mal por exercerem tais práticas sexuais. Eles falavam em “nojo” da atividade (Santos e Paiva, 2013). Outro artigo trazia uma fala de um garoto de programa que, após o primeiro contato sexual, sentiu necessidade de se limpar e lavar suas partes

íntimas muitas vezes, além de uma vontade de descontar esse sentimento de impureza nos clientes por meio da violência física durante o ato sexual, por exemplo (Silva, 2015).

O dinheiro, outra categoria central para entender a *michetagem*, funciona como “fator de permissividade para as possibilidades de transitoriedade e flexibilidade” (Souza Neto, 2009: 68) exigidas às performances sexuais durante o sexo, sem, contudo, interferir nas performances de gênero dos *boys*, que permanece masculina. Isto é, a remuneração, especialmente a financeira, seria o elemento que permite aos homens heterossexuais aceitarem se relacionar com outros homens (Abreu, 2014; Barreto, 2011; Fry e MacRae, 1983; Santos, 2013a), seja por meio de performances ativas ou passivas durante o coito ou mesmo pela manipulação de sua performance sexual, sem que isso lhes cause um conflito mais profundo. Nesse sentido, a fala do michê, entrevistado por Vinício Abreu (2014), que diz que “ser homem é uma coisa que não tem nada a ver com sexo (p.79)”, reflete bem o que alguns autores tentaram discutir. A masculinidade, nessa perspectiva, seria mais do que performance e atos sexuais, ela se aproxima melhor de uma noção de comportamentos fluidos e contraditórios, de significados construídos em cada cultura e em um determinado período histórico (Kimmel, 1988).

Embora deixem transparecer certos conflitos pessoais em relação a sua atividade nas ruas, o fato de serem remunerados para praticar atos “inconcebíveis” fora desse contexto de prostituição é o que garante a segurança de sua masculinidade heterossexual. Alguns michês chegam a admitir que, se o cliente pagar a mais, “tudo é possível dentro de um limite” (Santos, 2013a; Viana, 2010). É possível negociar o gozo do michê (Barreto, 2012; Santos, 2013a) e que ele faça sexo oral no cliente (Barreto, 2011), por exemplo.

O valor cobrado pelos programas também pode variar de acordo com o “tipo de cliente”, o que significa que para fixar o preço do programa alguns michês observam como o cliente se veste, se as roupas são de marca, se o relógio é caro, qual é o modelo de carro que ele tem, etc. (Teixeira, 2011). Quer dizer, o preço do programa pode variar de acordo com a estética do cliente e de outros aspectos considerados relevantes pelos garotos de programa.

No momento da negociação do valor a ser pago pelo cliente também se define o que será feito no programa. Ali, ainda que precariamente, é firmado um contrato entre as partes “negociantes”. Cliente e michê combinam, antecipadamente, quais serão as performances de cada um durante o programa: passivo, ativo, com ou sem ejaculação, com ou sem masturbação, beijos ou outras carícias. Isso não significa que o contrato não possa ser refeito, mas, de qualquer forma, “o que fala mais alto é o dinheiro [...] Tem dinheiro, o pau do cara faz pruuu (sobe), fica logo duro” (Viana, 2010: 96-97).

Dentre as razões para se estar no mercado da prostituição, encontramos relatos de dificuldades financeiras como a razão disparadora para a entrada e permanência nesse universo, como visto no trabalho de Perlongher (1987a). Para um interlocutor, garoto de programa, entrevistado no artigo *Montagens e desmontagens do corpo-michê: performance de gênero e transição de identidades na prostituição viril*: “não foi uma coisa por prazer, por desejo, foi mesmo por necessidade e me doeu na alma, parecia que a minha vergonha acabava ali” (Santos e Paiva 2013: 9). Atender às necessidades sociais e pessoais, bem como a sobrevivência pessoal e familiar foi o aspecto mais recorrente nos discursos dos michês. Alguns homens também apontaram como motivo para se prostituir a oportunidade de mudar de cidade e ter novas experiências (Guiraldelli e Souza, 2013).

Sobre a não identificação da atividade como profissão, percebemos que essa é uma recorrência entre os michês das diferentes pesquisas. A expectativa de abandonar a prática e conseguir um “trabalho” é frequentemente invocada, ainda que retoricamente, e a atividade costuma ser entendida como “bico” (Abreu, 2013, 2014; Perlongher, 1987a; Santos, 2016).

No artigo *Homens que se prostituem e as diferentes identidades* (Alves, 2011) e na dissertação “*É tudo psicológico! dinheiro... pruuu! fica logo duro!*”: desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife (Viana, 2010), vemos que a preocupação dos michês em não se posicionarem enquanto profissionais do sexo é permeada pelo receio de que essa atitude poderia os aproximar de uma suposta “identidade homossexual”.

Assumir-se homossexual ou “flex” (Souza Neto, 2009) costuma ser um dilema para michês e não michês, tendo em vista que “dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia” (Kimmel, 1988: 105). Enquanto permanecem com o discurso de que fazem o que fazem com o objetivo de complementar renda, o reconhecimento de sua própria identidade como homens heterossexuais que fazem sexo com outros homens (menos homens, porque homossexuais) é garantido e ajuda a minorar os conflitos morais internos, pois a finalidade financeira de suas práticas os desculpabilizariam da pressão e dos estigmas sociais ainda associados às práticas homossexuais. Desta forma, o pagamento seria o motor do prazer e da excitação (Viana, 2010).

Por outro lado, a dissertação de Epitacio Souza Neto, *Entre boys e frangos: uma análise das performances de gênero dos homens que se prostituem no Recife* (2009), e o artigo de João Diogenes Ferreira dos Santos, *Desvelando o mercado do sexo: trajetória de vida dos “garotos de programas” da cidade de Salvador* (2013a), apresentam grupos de boys que encaram a atividade da prostituição como trabalho. Uma fala de um garoto de programa que exemplifica isso é a de Ítalo: “É a aquela coisa. O pau ficou duro. Botou. Gozou. Veste a roupa e vai embora. Afinal de contas eu sou

profissional [...] Com certeza, sou Boy. Me considero... Sobrevivo dos programas.” (Souza Neto, 2009: 109). Essa é uma diferença sintomática entre a prostituição masculina e a prostituição de mulheres e de travestis. Entre mulheres e travestis, pelo menos de maneira geral, a prostituição aparece como a profissão delas.

Por fim, sobre o uso de drogas foram poucas as referências encontradas nos trabalhos investigados. O que foi possível encontrar na produção nacional foi que esse é um dos dilemas que os michês enfrentam na noite. Há casos em que o michê passa a usar drogas a pedido do cliente, algumas vezes pode até ser pago para consumir tais substâncias (Santos, 2013b). Dessa maneira, uma parcela significativa de jovens que se prostituem usa e, por vezes, se vicia em certas drogas, pois essas estão “no cotidiano dos garotos de programa e de seus clientes” (Carvalho et al., 2013:11).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados aqui apresentados nos ajudam a mapear a produção teórica sobre a prostituição masculina no Brasil. A visibilidade desses debates ainda é recorrente em universidades e, mais especificamente, em instituições acadêmicas de grandes centros urbanos do sudeste e capitais litorâneas, a partir de perspectivas teóricas localizadas nas Ciências Humanas. Os pesquisadores são, em sua maioria, homens vinculados a universidades públicas.

Nossa cartografia das pesquisas sobre prostituição masculina nos últimos trinta anos mostra que os michês se prostituem sem abdicar de um ideal de masculinidade hegemônica e passam por “dilemas” quanto à sexualidade, apresentada como heterossexual, mas performatizada de diferentes formas. As categorias de significado mais recorrentes nesse panorama foram, portanto, as que dizem respeito à homossexualidade conflituosa, à atividade sexual percebida como temporária e ao dinheiro como fator de permissão para práticas (in)desejadas.

As pesquisas sobre prostituição masculina seguem a leitura de Néstor Perlongher (1987a) de que a virilidade no *negócio* do desejo revela seu valor de troca, enquanto o dinheiro a resguarda de um conjunto de preconceitos e significados depreciativos que poderiam minar os “dotes heterossexuais” de um michê socialmente considerado homossexual.

Por fim, destacamos as alterações nos estudos sobre a prostituição masculina. De Néstor Perlongher (1984) a Daniel Kerry dos Santos (2016), ou seja, das pesquisas desenvolvidas ao longo das mais de três décadas desde *O Negócio do Michê*, muito se refletiu sobre as práticas sociais que envolvem o mercado do sexo, os territórios utilizados para o exercício da prostituição e os discursos de “bofes”, de michês, de acompanhantes, de *boys*, de garotos de programa e de “amantes profissionais”.

O assunto deixou de interessar apenas às Ciências Sociais, ganhando espaço na Psicologia, na Geografia e na Serviço Social<sup>18</sup>. A discussão saiu das ruas e esquinas para *penetrar* as saunas<sup>19</sup> dos centros urbanos. Como um desafio posto às pesquisas a serem desenvolvidas pode estar o questionamento do processo de subjetivação da constituição do *michê* enquanto um sujeito compulsoriamente viril.

Dessa forma, embora o quantitativo de trabalhos mobilizados nesta investigação sinalize que a temática continua periférica nos estudos de gênero e sexualidade, há um campo de possibilidades em aberto, especialmente, se atentarmos, por exemplo, para a prostituição masculina de brasileiros nos mercados do sexo em contextos transnacionais. Portanto, tais lacunas restam demonstrando como as contradições no campo da sexualidade ainda guardam uma série de inquietações passíveis de investigação.

**18** Cf. Tabela 1 sobre as áreas de concentração das pesquisas catalogadas.

**19** De 2014 a 2016, dos nove trabalhos encontrados, cinco concentram-se na prostituição em saunas (Abreu, 2014; Ribeiro, 2015; Deodato, 2015; Santos e Pereira, 2016 e Santos, 2016).

---

**Guilherme Rodrigues Passamani** é graduado em Ciências Sociais e História (UFSM). Mestre em Integração Latino-Americana (UFSM). Doutor em Ciências Sociais (UNICAMP). Professor dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFMS) e Estudos Culturais (PPGCult/UFMS) e dos cursos de Ciências Sociais e Audiovisual (UFMS). Coordenador do Núcleo de Estudos Néstor Perlongher – Cidade, Geração e Sexualidade (NENP/UFMS).

**Marcelo Victor da Rosa** é graduado em Licenciatura em Educação Física (UFSC). Mestre em Educação Física (UFSC). Doutor em Educação (UFMS). Professor do Curso de Educação Física (UFMS). Pesquisador do Núcleo de Estudos Néstor Perlongher – Cidade, Geração e Sexualidade (NENP/UFMS).

**Tatiana Bezerra de Oliveira Lopes** é graduanda em Ciências Sociais (UFMS). Bolsista PIBIC/CNPq (2016-2017; 2017-2018; 2018-2019). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Néstor Perlongher – Cidade, Geração e Sexualidade (NENP/UFMS).

### **Contribuição de autoria**

**Guilherme Rodrigues Passamani:** concepção e análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados.

**Marcelo Victor da Rosa:** concepção, coleta de dados e análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados.

**Tatiana Bezerra de Oliveira Lopes:** concepção e análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Vinício Brígido Santiago

- 2014 *Entre o marginal e o laboral: o trabalho de garotos de programa da cidade de Fortaleza*. Fortaleza, Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará.
- 2013 “Para além do feminino/masculino: a (des)construção do Gênero na prática sexual de garotos de programa”. In: *Fazendo Gênero 10: Desafios atuais do Feminismo, 10*. *Anais Eletrônicos*. Florianópolis, 2013. Disponível em: <[http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373238058\\_ARQUIVO\\_PARAALEMDOFEMININO-MASCULINO\\_DES\\_CONSTRUCAODOGENERONAPRATICASEXUALDEGAROTOSDEPROGRAMA.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373238058_ARQUIVO_PARAALEMDOFEMININO-MASCULINO_DES_CONSTRUCAODOGENERONAPRATICASEXUALDEGAROTOSDEPROGRAMA.pdf)> Acesso em 28 de janeiro de 2018.

ALVES, Alan de Loiola

- 2011 “Homens que se prostituem e as diferentes identidades”. In: III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: olhares diversos sobre a diferença, 3. João Pessoa. Disponível em: <<http://www.itaporanga.net/genero/3/03/05.pdf>> Acesso em 29 de março de 2018.
- 2013 “Políticas de enfrentamento á exploração sexual comercial infanto-juvenil na cidade do Rio de Janeiro: por onde andam os garotos?”. In: *Jornada Internacional de Políticas Públicas, VI, 2013, São Luís – Maranhão. Anais...* São Luís.

ALCÂNTARA, Jean Moreira

- 2009 *Territórios invisíveis: territorialidades dos garotos de programa na área central de Manaus*. Manaus, Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

BARRETO, Letícia Cardoso; SILVEIRA, Cibele Dias da; GROSSI, Miriam Pillar

- 2012 “Notas etnográficas sobre prostituição masculina em Florianópolis: entre o trabalho, o afeto e a sexualidade”. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 46, n.2: 511-534.

BARRETO, Victor Hugo de Souza

- 2011 “‘Às vezes eu me sinto uma puta da zona!’: A atividade da prostituição vista por garotos de programa”. In: XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro De Ciências Sociais, 11. Bahia.

2012 “*Vamos fazer uma sacanagem gostosa?*”: *Uma etnografia do desejo e das práticas da prostituição masculina carioca*. Niterói, Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense.

BURBULHAN, Fernanda

2014 *A experiência michê: um estudo fenomenológico*. Ribeirão Preto, Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.

BRAGA, Gibran Teixeira

2013 “*Não sou nem curto*”: *prazer e conflito no universo do Homoerotismo Virtual*. Rio de Janeiro, Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CARVALHO, Anderson et al.

2013 “Caroto de programa: do gueto aos hotéis de luxo”. *Revista Eletrônica da Reunião Anual de Ciência*, Uberlândia. v. 3, n. 1.

CHAO, Giselle Fonseca

2008 *Prostituição Masculina, HIV/AIDS: estudo epidemiológico em municípios do Ceará*. Fortaleza, Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará.

DEODATO, Eder da Silva

2015 *Performance e identidade de gênero na prostituição masculina em saunas gays*. Recife, Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco.

FERREIRA, Daniel Rogers de Souza

2011 *Prazer com segurança? As relações entre michês e polícia num ponto de prostituição do centro de Fortaleza*. Fortaleza, Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Ceará.

FRY, Peter

1982 *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

FRY, Peter; MACRAE, Edward

1983 *O que é homossexualidade*. São Paulo, Editora Brasiliense.

GREEN, James Naylor

1999 *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo, EDUNESP.

GUIMARÃES, Carmen Dora

2004 *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro, Garamond.

GUIRALDELLI, Reginaldo; SOUZA, Marisa Fernandes de

2013 “Prostituição masculina em Belo Horizonte: Evidências da questão social”. *Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica*, Viçosa, v. 24, n.2: 133-162

KIMMEL, Michael

1988 “A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre. v. 4, n. 9: 103-117.

LAMPERT, Ernani

2006 “O desmonte da Universidade pública: a interface de uma ideologia”. *Revista Linhas* (UDESC), v. 7: 10-30.

LIMA, Wagner

2007 “Ô de casa, ô da rua: território e derivas na prostituição masculina de rua em João Pessoa (PB)”. In: I Seminário Nacional de Gênero e Prática Culturais: desafios Históricos e saberes interdisciplinares, 1, 2007, João Pessoa. Disponível em: <http://itaporanga.net/genero/1/GT07/20.pdf>. Acesso em 24 de agosto de 2017.

MACHADO, Joani de Nazaré de Campos; SILVA, Silvia Cristina de Souza

2002 *Perfil psicossocial da prostituição masculina em Belém*. Belém – PA, Relatório de monografia, Universidade da Amazônia.

MARINHO, Marcela Ferreira; SANTOS, Marcia Maria Cappellano

2011 “Representaciones sociales del fenómeno turismo sexual: Análisis de notas periodísticas”, Disponível em: <[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S185117322011000500012&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S185117322011000500012&lng=es&nrm=iso)> Acesso em 28 de janeiro de 2018.

MAROUN, Kalyla; VIEIRA, Valdo

2008 “Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade”. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2: 171-186.

MISKOLCI, Richard

2013 “Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas online”. *Revista Estudos Feministas*, v. 21: 301-324.

PASINI, Elisiane

2005 “Sexo para quase todos: a prostituição feminina na Vila Mimosa”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 25, p. 185-216.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues

2015 *Batalha de confete no “Mar de Xarayés”: condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidade*. Campinas, Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

PERLONGER, Néstor Osvaldo

1984 “Amor e Comércio na prostituição viril”. In: IV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 4, 1984, São Paulo. Anais do IV Encontro Nacional de Estudos populacionais, vol. 1, 575-586.

1993 “Antropologia das sociedades complexas: identidade e territorialidade, ou como estava vestida Margaret Mead”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, **v.8, n.22**.

1985 “O contrato da prostituição viril”. *Arquivo Brasileiro de Psicologia*, Rio de Janeiro.

1987a *negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo, Editora Brasiliense.

1987b “Vicissitudes do michê”. In: Instituto de Medicina Social e de Criminologia de São Paulo (org.), *Temas IMESC, Sociedade, Direito e Saúde*. São Paulo: 57 – 71.

PINEL, Hiran; BRAGIO, Jaqueline; SOBROZA, Marcio

2013 “Pedagogia social da saúde e dos direitos junto aos trabalhadores masculinos do sexo: resgate sócio-histórico (e da prática pedagógica social) do “programa pegação”, In: *Seminário Nacional de Educação, Diversidade Sexual e Direitos Humanos*, Espírito Santo.

PINEL, Hiran

2003 *Educadores da Noite: Educação especial de rua, prostituição masculina e prevenção as DST/AIDS*. Nuex-PSI Editorial. Belo Horizonte.

PISCITELLI, Adriana

2002 “Exotismo e autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.19, p.195-231, 2002.

2015 “Turismo sexual no Brasil”. *ComCiência*. Campinas.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Moltalvão

2013 “A cartografia como método para as ciências humanas e sociais”. *Revista Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n.38:45-59,

POCAHY, Fernando

2012 ““Vem meu menino, deixa eu causar inveja”: ressignificações de si nas transas do sexo tarifado”. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, n. 11: 122-154.

RÁBAGO, Nora Leticia Bringas; ALDAMA, Ruth Gaxiola

2012 “Los espacios de la prostitución en Tijuana: turismo sexual entre varones”. *Región y sociedad*, Hermosillo, v. 24, n. 55, p. 81-130.

RADDE, Augusto

2014 *Entre prazer e necessidade, o discurso do corpo na prostituição masculina*. Porto Alegre, Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RIBEIRO, Miguel

1997 “Prostituição de rua e turismo em Copacabana: a Avenida Atlântica e a procura do prazer”. *Revista Território*, v. 2, n. 3: 87-104.

2015 “Dinâmica, Espacialidade e Relações Homocomerciais: o exemplo das saunas de boys na urbe carioca”. *Revista Latinoamericana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 6 n. 2: 213-234.

ROSA, Marcelo Victor da

2016 *Discursos científicos sobre a homofobia no processo de escolarização: enunciados e problematizações*. Campo Grande – MS, Tese de doutorado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

SANTOS, Daniel Kerry dos

2016 *Homens no mercado do sexo: fluxos, territórios e subjetivações*. Florianópolis, Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina.

SANTOS, Élcio Nogueira; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes

2016 “Amores e vapores: sauna, raça e prostituição viril em São Paulo”. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n1p133>> Acesso em 28 de janeiro de 2018.

SANTOS, Élcio Nogueira

2007 “Entre amores e vapores: as representações das masculinidades inscritas nos corpos nas saunas de michês”. In: Congresso Brasileiro de Sociologia, 13. *Anais Eletrônicos*. Recife.

SANTOS, João Diogenes Ferreira dos

2013a “Desvelando o mercado do sexo: trajetória de vida dos “garotos de programas” da cidade de Salvador”. In: *Fazendo Gênero 10: Desafios atuais do Feminismo, 10. Anais Eletrônicos*. Florianópolis.

SANTOS, Maria Lourdes dos

2011a “Esmiuçando vidas de homens prostitutos em Fortaleza”. In: Xv Congresso Brasileiro De Sociologia, 15. *Anais Eletrônicos*. Curitiba.

2013b *Da batalha na calçada ao circuito do prazer: um estudo sobre prostituição masculina no centro de Fortaleza*. Fortaleza, Tese de doutorado, Universidade Federal do Ceará.

SANTOS, Maria Lourdes dos; PAIVA, Antônio

2013 “Montagens e desmontagens do corpo-michê: performance de gênero e transição de identidades na prostituição viril”. In: Xv Congresso Brasileiro De Sociologia, 15. *Anais Eletrônicos*. Curitiba.

SANTOS, Manoel

2011b “Prostituição masculina e vulnerabilidade às DSTS/AIDS”. *Texto e Contexto*, Florianópolis, v. 20 n. 01: 76-84.

SALDANHA, Rafael

2010 *Classificados e o sexo: Anúncios de prostituição masculina em SC (1986–2005)*. Florianópolis, Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina.

SILVA, Ananias

2015 “Entre dizeres e fazeres, construção identitária de garotos de programas (michês): “Tudo com remédio, senão o pau não sobe””. *Memento - Revista de Linguagem, Cultura e Discurso, Três Corações – MG*, v. 06, n.2.

SILVA, Carolina Parreiras

2008 *Sexualidades no ponto.com: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line*. Campinas, Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas.

SILVA, Clara Cavalcante

2012 *O negócio do “prazer remunerado” nos discursos de garotos que fazem programa*. São Paulo, Tese de doutorado, Universidade de São Paulo.

SILVA, José Fábio Barbosa

1959 “Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo”. *Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo*, São Paulo, v. 11, n. 4: 350- 360.

SILVA, José Maurício da

2011a “Prostituição masculina: um destino pulsional?” *Polêm!ca* – Revista Eletrônica, Rio de Janeiro, v.10, n. 1: 161 -181.

SILVA, Laura Almeida de Calasans

2011b *“Prostituição e (des) construção da imagem dos espaços turísticos da orla de Atalaia – SE”*. São Cristóvão – SE, Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Sergipe.

SPIVAK, Gayatri,

2010 *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte, Editora UFMG.

SOUZA NETO, Eptacio Nunes de

2009 *Entre boys e frangos: Uma análise das performances de gênero dos homens que se prostituem no Recife*. Recife, Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco.

2010 “Quem come é quem engole: a subjetividade na construção das performances de gênero entre os boys de programa de Recife”. In: *Fazendo Gênero*, 9. Florianópolis. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277817374\\_ARQUIVO\\_QUEMCOMEEQUEMENGOLE.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277817374_ARQUIVO_QUEMCOMEEQUEMENGOLE.pdf)> Acesso em 28 de janeiro de 2018

TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio

- 2003 *Territórios homoeróticos em Belo Horizonte: um estudo sobre as interações sociais nos espaços urbanos*. Belo Horizonte, Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- 2011 “Representação sobre a atividade de garotos de programa em Belo Horizonte (MG): emprego, trabalho ou profissão?” In: XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 11. Bahia.

VEGA, Alexandre Paulino

- 2008 *Estilo e marcadores sociais da diferença em contexto urbano: Uma análise da desconstrução das diferenças entre jovens em São Paulo*. São Paulo, Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.

VIANA, Normando José Queiroz

- 2010 “É tudo psicológico dinheiro... pruuu! fica logo duro”: desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife. Recife, Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco.

---

Recebido em 7 de abril de 2018. Aceito em 30 de abril de 2019.